

SUMÁRIO

PREFÁCIO 17

CAPÍTULO 1

“DESTINO CEILÂNDIA”: OS CAMINHOS E OS PERCALÇOS NA CONSTRUÇÃO DE DOIS PROBLEMAS 23

1. Ela 23
2. A pressão como assunto também da antropologia da saúde 27
3. Conhecendo a Guariroba 33
4. Puxando papo, dando trela: estratégias para conversar 36
5. Nas casas: de fora para dentro, da saúde à universidade 41
6. Nos centros de saúde: de fora para dentro, da antropologia à saúde 46
7. De dentro para fora: dos cadernos de campo ao livro 50

CAPÍTULO 2

DA ROÇA À CIDADE: A GUARIROBA, SUAS RUAS, SUAS CASAS, SUAS FAMÍLIAS 57

1. As roças 57
2. Da roça à cidade 60
3. As cidades: a Ceilândia, a Ceilândia Sul, a Guariroba 67
4. A casa da SHIS 76
5. Da saúde aos (novos) problemas: a chegada das doenças compridas 81
6. Cidade, saúde e memória 86

CAPÍTULO 3

OS PROBLEMAS DE PRESSÃO: ENTRE OS PROBLEMAS DA VIDA E OS PROBLEMAS DO MUNDO 89

1. A hipertensão, pressão alta e o problema de pressão: afinando com as categorias locais 89
2. Quando a pressão alta passa a ser um problema de pressão 91

3. Explicações para o surgimento do problema de pressão 94
 - 3.1 A explicação mais comum: a agonia, a preocupação, a chateação 101
4. A pressão emocional 105
5. Pressão e emoção: da riqueza pragmática das categorias nativas 112

CAPÍTULO 4

O POSTINHO E SEUS SERVIÇOS: O GRUPO DA PRESSÃO COMO ESPAÇO ESTRATÉGICO DE CUIDADO 117

1. Uma Antropologia do Estado a partir de um centro de atenção básica em saúde 117
2. A cultura da falta 121
3. “Por que tem que deixar sofrer?” 124
4. Caçando soluções 127
5. A sala de acolhimento e a triagem 129
6. Sala de reuniões: medições e palestras 132
 - 6.1 Medições: do silêncio à socialização pelos números 132
 - 6.2 Palestra: do “grupo de pressão” ao “grupo da pressão” 136
7. O consultório: a expectativa do bom tratamento 138
 - 7.1 A “médica ignorante” e o destrato 139
 - 7.2 A “boa médica” que escuta, explica e ajuda 142
8. A farmácia: entre o remédio e o remediar 145
 - 8.1 Traduções: o bilinguismo na farmácia 145
 - 8.2 O “bom senso”: entre ter um perfil duro e compartilhar a dor da paciente 148
9. O Hiperdia como uma brecha estratégica para a doença comprida na atenção básica 151

CAPÍTULO 5

A LÓGICA DO CONTROLE: DA PRESSÃO À PACIENTE DESCONTROLADA 155

1. A moradora da Guariroba como a “outra”: velha, pobre, doente e desolada 155
2. O ciclo de dádivas 159
 - 2.1 Dar: a teoria da cadeira de três pernas e o controle 159
 - 2.2 Aceitar e retribuir: ser “12 por 8” 163
3. “Controladas” e “descontroladas”: uma tipologia moral das pacientes 171
 - 3.1 Bonificações ou penalizações 175
4. Do controle à subjetividade 178
 - 4.1 A agência dos números 178
 - 4.2 Dos “pés da cadeira” ao “pegar no pé” 181

CAPÍTULO 6

REMÉDIOS, COMIDAS, NÚMEROS E GENTE DANADA: A PELEJA E O CUIDADO DA VELHICE COM PRESSÃO ALTA NA GUARIROBA 193

1. Os cuidados com a pressão alta 193
2. Os testes com os remédios 195
 - 2.1 Remédios da roça e remédios da cidade 198
 - 2.2 Testando os remédios da pressão 201
3. Fechar ou não a boca? Os desafios do comer 204
 - 3.1 Juntar ou separar as panelas? Os desafios do cozinhar 209
4. Equipamentos e medições: uma relação crítica com a tecnologia 211
 - 4.1 Números: a pluralização da verdade como prática de cuidado 217
5. Grupos: o mundo coletivo do cuidado com a pressão 223
 - 5.1 As mulheres danadas como personagens centrais do cuidado 223
 - 5.2 Família e vizinhança como causa e solução da pressão: ambiguidades do cuidado 228
 - 5.3 A velhice vivida em grupos: ginástica, clubes das avós, igreja e forró 233

CAPÍTULO 7

ANOTAÇÕES FINAIS: “NÃO SE PREOCUPE. COM O TEMPO, VOCÊ APRENDE A DANÇAR” 239

REFERÊNCIAS 247